

OS LUSÍADAS E A JORNADA DO HERÓI: A CONEXÃO ENTRE O MONOMITO E A EPOPEIA PORTUGUESA

THE LUSIADS AND THE HERO'S JOURNEY: THE CONNECTION BETWEEN THE MONOMYTH AND THE PORTUGUESE EPIC

Lana Miguel Alves de Lima¹

Vitor Fernando Perilo Vitoy²

RESUMO

O objetivo deste artigo é estabelecer uma relação entre *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e a Jornada do Herói de Joseph Campbell, demonstrando como a estrutura do monomito pode ser aplicada à epopeia portuguesa. A análise destaca como Vasco da Gama segue as etapas heroicas universais, desde o chamado à aventura até o retorno com a glória, enfrentando desafios e recebendo auxílio divino ao longo do caminho. Essa comparação permite entender *Os Lusíadas* sob uma perspectiva mitológica universal, evidenciando que a narrativa de Camões não só celebra os feitos dos navegadores portugueses, mas também se conecta a arquétipos narrativos universais. O artigo busca, assim, destacar a importância da epopeia como uma expressão cultural que transcende o local, incorporando estruturas simbólicas universais que reforçam valores de superação e triunfo.

PALAVRAS-CHAVE: Os Lusíadas; Gênero Épico; Herói; Monomito.

ABSTRACT

The aim of the article is to establish a connection between *Os Lusíadas* by Luís de Camões and Joseph Campbell's Hero's Journey, demonstrating how the structure of the monomyth can be applied to the Portuguese epic. The analysis highlights how Vasco da Gama follows the universal heroic stages, from the call to adventure to the return with glory, facing challenges and receiving divine assistance along the way. This comparison allows *Os Lusíadas* to be understood from a universal mythological perspective, showing that Camões' narrative not only celebrates the achievements of Portuguese navigators but also connects to universal narrative archetypes. The article thus seeks to emphasize the importance of the epic as a cultural expression that transcends its local context, incorporating symbolic universal structures that reinforce values of perseverance and triumph.

KEY-WORDS: The Lusiads; Epic Genre; Hero; Monomyth.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para compreendermos *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, publicada em Lisboa em 1572, uma das obras épicas mais importantes da literatura portuguesa, é essencial, antes de tudo, analisar o contexto histórico, político, social e cultural de Portugal no século XVI, período, marcado pelos grandes descobrimentos, representando o auge da expansão marítima e colonial, com o estabelecimento de rotas comerciais entre a África, a Ásia e o Brasil.

¹ Acadêmica de Letras-Português da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

² Doutor em Letras- Literatura pela Universidade Federal de Goiás. Professor Efetivo do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

O poema tem como núcleo narrativo a viagem empreendida por Vasco da Gama a fim de estabelecer contacto marítimo com as Índias (a frota portuguesa levantou âncora a 8 de julho de 1497, e arribou a Calicut, fim da viagem, a 24 de maio de 1498 (Moisés, 1992, p. 57).

A obra camoniana retrata a viagem de Vasco da Gama à Índia, realizada a partir do ano de 1497, evento que consolidou Portugal como uma potência marítima e contribuiu para o fortalecimento do país no cenário europeu. A narrativa épica simboliza esse marco, exaltando não apenas a expedição do célebre navegador, mas também outros episódios fundamentais da história de Portugal, como o reinado dos primeiros monarcas e as batalhas contra os mouros, sempre permeados por um tom heroico.

A figura do navegante é retratada como um herói, cuja jornada gloriosa evoca também os elementos descritos por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*. Esse modelo reúne coragem, fé e habilidades excepcionais em prol do engrandecimento da pátria, reafirmando valores de bravura e idealismo que transcendem o tempo. Quanto à estrutura, *Os Lusíadas* é uma obra épica que se divide em 10 cantos, escritos em 1.102 estrofes de oitava-rima, que traz a valorização das culturas grega e romana.

A epopeia clássica, representada por obras como *A Ilíada* e *A Odisseia* de Homero e *Eneida* de Virgílio, celebra feitos heroicos de um povo ou de figuras míticas que encarnam valores essenciais de sua cultura. Esses textos exaltam o espírito de superação, enfrentando perigos guerras e desejos impostos pelo destino ou pela vontade divina. *Os Lusíadas* segue essa tradição ao narrar os feitos dos navegadores portugueses, especialmente Vasco da Gama durante as grandes navegações, estabelecendo um paralelo com os heróis das epopeias antigas.

Na epopeia de Vasco da Gama, os desafios transcendem o enfrentamento de obstáculos físicos e naturais, englobando também dilemas espirituais e morais que conferem profundidade à narrativa. A jornada do herói é marcada por perigos iminentes, simbolizados, entre outros, pela figura imponente e ameaçadora do gigante Adamastor, que personifica os temores do desconhecido. Nesse percurso repleto de adversidades, os navegadores revelam uma coragem indômita e um espírito de aventura que os impulsiona a superar os limites do humano. Guiado pelo auxílio das divindades mitológicas, o protagonista avança em busca de seu objetivo último, um elixir metafórico que não apenas legitima sua missão, mas também atribui um sentido maior à sua travessia épica.

Joseph Campbell descreve a jornada do herói como um padrão universal presente em mitologias e narrativas de diversas culturas, conceito que ele denomina “monomito”. Esse modelo estruturante é composto por três fases principais: partida, iniciação e retorno. Para o

autor, “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma amplificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (Campbell, 2007, p. 36).

A estrutura das aventuras heroicas apresentada em *O Herói de Mil Faces*, que abrange a separação do mundo cotidiano, a superação de desafios e o retorno triunfante, manifesta-se de maneira evidente em *Os Lusíadas*. Mais do que um poema épico voltado à exaltação das glórias dos navegadores portugueses, a obra insere Portugal em um universo mítico, simbolizando o espírito de conquista e a grandiosidade de sua era histórica, ao mesmo tempo em que promove valores universais, como coragem e superação.

Dessa forma, ao propor uma análise da figura de Vasco da Gama sob a perspectiva do monomito de Campbell, buscamos com este estudo compreender como os elementos narrativos presentes em sua jornada se alinham às etapas do arquétipo do “caminho do herói”. A pesquisa, portanto, contribui para uma leitura da trajetória histórica e simbólica desse personagem, estabelecendo conexões entre a mitologia universal e a narrativa das grandes navegações, além de oferecer novas possibilidades interpretativas para os relatos de aventuras marítimas e suas implicações culturais e literárias.

OS LUSÍADAS E O CONTEXTO DA EPOPEIA UNIVERSAL

Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões, é amplamente reconhecida como uma das mais significativas criações do século XVI, consolidando-se como um dos textos épicos mais representativos da era moderna. Na obra, a jornada do herói se materializa na figura de Vasco da Gama, que lidera a expedição portuguesa rumo à Índia. Ele e seus companheiros de navegação assumem a missão de explorar territórios desconhecidos e estabelecer novas rotas comerciais, simbolizando o espírito aventureiro e expansionista da época.

A narrativa ganha maior fôlego a partir do Canto III, pois é aí que se delinea o núcleo dos acontecimentos que estruturam todo o enredo histórico. É nesse momento que se desenrolam as descrições da Europa, a fundação da Lusitânia por Luso, os feitos heroicos de Dom Henrique de Borgonha, as contribuições de Egas Moniz e Afonso Henriques, os reveses enfrentados por Sancho II, as realizações de Afonso III e Dom Diniz, as ações de Afonso IV, o trágico episódio de Inês de Castro, a vingança de Pedro I e os infortúnios de Fernando I.

Quando os romanos se estabeleceram na Península Ibérica, organizaram administrativamente o território, dividindo-o em três províncias e atribuindo o nome Lusitânia à região localizada ao sul do rio Douro. No século XVI, escritores portugueses passaram a empregar o termo “lusitanos” como sinônimo de “portugueses”, uma prática que Camões incorporou de forma singular. A partir dessa tradição, o poeta cunhou um vocábulo que viria a intitular sua obra épica: *Os Lusíadas*, evocando o “povo de Luso” – os portugueses. Essa escolha não apenas celebra as origens históricas e mitológicas do país, mas também consagra o termo como símbolo da identidade nacional.

A epopeia camoniana, nesse sentido, se apresenta como um símbolo literário de toda uma transformação, ao imortalizar, por meio da linguagem poética, os desafios e as conquistas de uma nação em busca de reconhecimento e hegemonia. Para Rodrigo Franco da Costa em seu texto “O contexto histórico de Portugal traduzido na épica camoniana *Os Lusíadas*”,

É importante ressaltar o longo processo de consolidação de uma tradição literária proveniente dessas localidades, que a partir desses maiores contatos, produziram obras literárias que, no caso de Portugal, definiram toda uma identidade cultural, como é o caso do Poema épico de Camões (Costa, 2013, p. 2).

Portugal, um pequeno país europeu, enxerga nessa expansão uma oportunidade não apenas para acumular riquezas e prestígio, mas também para saciar o desejo de desbravar o desconhecido. Camões narra essa jornada de descobertas e glórias, emoldurando-a com a grandiosidade que caracteriza os feitos heroicos. Essa dinâmica é central, destacando a coragem e a determinação como valores fundamentais da epopeia, como se vê na estrofe inicial.

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram (Camões, 2018, p. 3).

Os versos acima, extraídos do primeiro canto da epopeia, estabelecem, de imediato, as bases temáticas e estéticas da obra. A construção formal, em oitava rima (ABABABCC), dialoga com a tradição clássica das epopeias, como as de Homero e Virgílio, ao mesmo tempo em que afirma a singularidade do empreendimento português. Camões celebra “as armas e os barões assinalados”, evocando tanto a força militar quanto a grandeza dos protagonistas lusitanos, exaltando também os feitos dos navegadores e conectando-os a uma tradição heroica universal, mas com um tom que sublinha a originalidade de suas conquistas: “por mares nunca

de antes navegados”. A expressão sugere um pioneirismo marítimo que transforma o espaço desconhecido em um palco para a glória portuguesa, ideia que expressa a expansão ultramarina do século XVI, inserindo Portugal como um protagonista da história mundial daquele período.

Se a epopeia está associada ao mundo antigo, (se é mais cabível aí), é certo que *Os Lusíadas* se classifiquem como tal, porque, à maneira da epopeia clássica, a sua gênese é a motivação nada incerta, antes positiva e vitoriosa, das ações histórias concretas (os feitos das navegações). Por outro lado, as crises, também concretas, determinam que o poema não possa já ser escrito como na época das “sociedades fechadas”. Nessa época, a relação canto/mundo fazia-se de maneira direta, com ênfase no narrado e não no narrador ou no modo de narrar. (Pereira, 2000, p.194).

Os Lusíadas está profundamente relacionada ao mundo antigo e se alinha à tradição da epopeia clássica, em vários aspectos. A obra não apenas adota a forma e os elementos estruturais da epopeia clássica, mas também sua criação e motivação refletem temas tradicionais desse gênero literário, enquanto os adaptam ao contexto histórico e cultural de Portugal no século XVI. Assim fica claro ao leitor que a obra de Camões é uma celebração da coragem, da superação e do trínfo unindo elementos tradicionais com o orgulho nacional português. A criação da epopeia camoniana está enraizada no desejo de glorificar a nação portuguesa e seus feitos marítimos. A motivação é, portanto, clara e positiva: exaltar as descobertas que expandiram o mundo conhecido e o poder de Portugal como nação pioneira nos mares. Camões busca celebrar o heroísmo, a bravura e a determinação de um povo pequeno em território, mas grandioso em espírito e conquistas.

A menção à “Ocidental praia Lusitana” situa geograficamente o ponto de partida dos feitos, enquanto “Taprobana” (atualmente conhecida como Sri Lanka) e as “gentes remotas” ampliam o alcance do épico para um cenário global, tensão entre o local e o universal, característica central da obra: os feitos de um pequeno reino ganham proporção mítica ao ultrapassarem as fronteiras do que até o momento é conhecido. Ainda nessa direção, Camões valoriza o esforço e o sacrifício, enfatizando que os navegadores enfrentaram “perigos e guerras” com força sobre-humana. Essa elevação é característica da epopeia, pois coloca os protagonistas em uma dimensão que transcende a humanidade comum, aproximando-os do heroico e do divino.

Fica claro ao leitor, após o que se expõe a respeito dos primeiros versos do primeiro canto, que o texto é marcado por uma linguagem solene, rica em metáforas e hipérboles, conferindo ao poema uma densidade simbólica e uma sonoridade que reforça sua dimensão grandiosa. A escolha de termos como “esforçados” e “sublimaram” confere um tom de admiração e elevação moral.

OS LUSÍADAS E A JORNADA DO HERÓI: INTERSECÇÕES COM *O HERÓI DE MIL FACES*, DE JOSEPH CAMPBELL

A análise desse estágio inicial de *Os Lusíadas* revela, se tomarmos como norte as teorias de Joseph Campbell, o deslocamento do protagonista de sua zona de conforto, marcando o início de sua transformação pessoal e simbólica, uma convocação para confrontar o desconhecido, um espaço carregado de simbolismos que transcende o literal: terras distantes, reinos subterrâneos e estados oníricos configuram metáforas para desafios internos e externos.

Esse primeiro estágio da jornada mitológica – que denominamos aqui “o chamado da aventura” – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura, como fez Teseu ao chegar à cidade de seu pai, Atenas, e ouvir a horrível história do Minotauro. Da mesma forma, pode ser levado ou enviado para longe por um agente benigno ou maligno, como ocorreu com Ulisses, levado mediterrâneo afora pelos ventos de um enfurecido, Poseidon (Campbell, 2007, p. 66).

Comprendemos que Campbell elenca a multiplicidade de formas que esse chamado pode assumir, podendo ser aceito voluntariamente, como no caso de Teseu, ou imposto, como acontece com Ulisses. Essa dualidade reflete a complexidade da experiência humana diante do desconhecido: há aqueles que, movidos por curiosidade ou necessidade, abraçam o desafio, e há os que são arrastados por circunstâncias alheias ao seu controle. Em ambos os casos, o herói é transposto para uma dimensão extraordinária, onde o senso comum é substituído pela fluidez e imprevisibilidade de um mundo simbólico.

O autor também sugere que a jornada é universal, enraizada nas narrativas de diversas culturas, isto porque o herói pode tropeçar acidentalmente em sua aventura, como a princesa do conto de fadas, ou ser seduzido por algo aparentemente trivial. Essa ideia de um “chamado acidental” amplifica a natureza democrática da jornada: qualquer um, em qualquer momento, pode ser convocado a transcender os limites do cotidiano.

A jornada seria a estória vivida por cada indivíduo e seu ponto de partida estaria na saída do mundo confortável e protetor do ventre materno para um mundo desconhecido e apinhado de desafios. O cavaleiro em sua armadura reluzente, trajando capa vermelha, com uma espada embainhada, sai de seu vilarejo no qual nascera e crescerá, e se emaranha na floresta sombria a fim de salvar a donzela, indefesa e frágil. Esta fórmula é replicada em diferentes modos a fim de construir o monomito e

produzir significa na jornada épica do personagem que o leitor se afeiçoa por ser um protagonista de valores morais intactos, ter caráter exemplar e sonhos de vitrine (Silva; Adriele, 2022, p.2).

Após o chamado à aventura, é comum que o herói hesite, recusando inicialmente o convite que o conduz ao desconhecido. Essa recusa, frequentemente estabelecida no medo do novo, no apego ao conforto do mundo familiar ou em uma sensação de inadequação, coloca-se como uma resposta natural à incerteza e isto se dá porque ele pode julgar-se frágil demais, despreparado ou incapaz de enfrentar os riscos envolvidos. Tal relutância, longe de ser um mero obstáculo narrativo, desempenha um papel crucial na humanização da personagem, expondo suas dúvidas e fragilidades. Contudo, essa renúncia não é definitiva. Algum fator externo – a chegada de um mentor, a pressão de uma crise iminente ou um evento transformador – intervém, levando-o a reconsiderar sua posição e a assumir a jornada que o espera.

Este é o momento em que o herói atravessa o limiar entre o mundo comum e o da aventura, é uma separação definitiva de sua vida anterior e uma entrada no território desconhecido, onde as regras e realidades são diferentes. Esse cruzamento é uma transição importante, pois marca o ponto sem retorno. Em *O Herói de Mil Faces*, Joseph Campbell descreve bem essa relação, essa caminhada até o desconhecido, e como a figura heroica se lança em sua jornada e sempre com a ajuda externa mística, assim como *Os Lusíadas* deve a Vênus e Marte.

Entende-se que o herói enfrenta desafios e provações no novo mundo, frequentemente passando por uma crise, onde ocorre uma transformação interna com ajuda de um mentor. A ajuda sobrenatural nas epopeias clássicas da época tem como norte a ajuda dos deuses do olimpo como seres mitológicos que influenciam direta ou indiretamente essa jornada, e se torna evidente e clara quando Vênus e Marte tomam partido dos portugueses. Desse modo, expõe Campbell que:

O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo concelho, pelos amuletos, e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana (Campbell, 2007, p.102).

O trecho de Campbell reflete a estrutura universal da jornada do herói, especialmente o momento em que ele é amparado por forças sobrenaturais ou metafísicas para superar desafios. Esse amparo transcende o individual e revela a conexão do herói com algo maior, seja um “poder benigno” ou um destino pré-ordenado. Essa ideia se relaciona profundamente com a

concepção épica de *Os Lusíadas*, na qual Vasco da Gama, enquanto herói épico, também recebe auxílio sobrenatural para cumprir sua jornada.

Na obra camonianiana o exemplo mais evidente ocorre com a intervenção da deusa Vênus, que age como uma protetora do herói e de sua tripulação. Ao longo do poema, ela intercede junto a Júpiter em favor dos navegantes portugueses, assegurando que os perigos enfrentados durante os descobrimentos sejam superados. Essa ajuda divina simboliza o “poder benigno” mencionado por Campbell, que sustenta o herói em sua “passagem sobre-humana” – no caso, a travessia de mares inexplorados. Vejamos o que é expresso na estrofe 33 do canto I:

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina. (Camões, 2018, p. 11).

Os versos inserem-se no contexto mitológico que permeia a epopeia, em que os deuses do panteão greco-romano desempenham papéis de apoio ou oposição às ações dos navegadores. Neste fragmento, Vênus, conhecida como a deusa do amor, demonstra sua afeição pelo povo português, apresentando um elo simbólico entre os lusitanos e os romanos, destacando valores culturais e históricos que aproximam essas civilizações. Podemos destacar que ela evoca uma espécie de apadrinhamento divino, no qual as qualidades da “gente Lusitana” são elogiadas e reconhecidas como herdeiras da grandeza romana. Este aspecto ressalta o orgulho renascentista pela herança clássica, comum na época em que Camões escreve, e reforça o discurso nacionalista e glorificador que estrutura a obra.

A ligação entre lusitanos e romanos é delineada em três dimensões principais: o espírito guerreiro “nos fortes corações”, a sorte e o destino grandioso “na grande estrela” e a proximidade linguística “na língua [...] crê que é a Latina”, características que servem para enaltecer os portugueses como dignos sucessores de Roma, marcando a continuidade de sua civilização no projeto expansionista e missionário das navegações. Além disso, a referência à terra Tingitana (região correspondente ao norte da África) remete às conquistas portuguesas e à capacidade de expansão territorial e cultural do povo lusitano, elemento que também insere a epopeia em um panorama global, ao conectar os feitos portugueses com marcos geográficos que simbolizam tanto desafios quanto triunfos históricos.

Por fim, o uso do termo “pouca corrupção” para descrever a língua portuguesa reflete a ideia de pureza e continuidade cultural, reforçando a narrativa do poeta de que os lusitanos são dignos de admiração e têm sua grandeza legitimada por uma ligação com o passado clássico. Assim, Camões constrói uma ponte entre o legado antigo e a modernidade da sua época, exaltando o papel de Portugal na história universal. Destacamos, portanto, que o trecho não só cumpre a função de atribuir legitimidade divina e histórica ao povo português, mas também insere *Os Lusíadas* em um diálogo intertextual com a tradição épica clássica, reafirmando o valor e a centralidade de Portugal no mundo renascentista.

Camões exalta os feitos heroicos dos portugueses, dedicando a obra às Tágides, as ninfas inspiradoras do rio Tejo. Já no primeiro canto, o poeta introduz o contexto da viagem marítima, apresentando Vasco da Gama e sua armada como protagonistas da narrativa. No Olimpo, os deuses se reúnem para deliberar sobre o destino dos navegadores: Vênus, personificação do amor e da proteção, manifesta seu apoio aos lusitanos, enquanto Baco, símbolo do prazer e da desordem, ergue-se como o principal opositor à empreitada. Assim sendo, são evidentes as construções retóricas e as tensões entre os elementos mitológicos e históricos, que buscam tanto enaltecer o protagonismo de Portugal quanto refletir sobre as forças divinas que influenciam o destino dos navegadores lusos, como se vê nas estrofes 44 e 46, do canto I.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Pêra se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece.
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

(...)

As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
Dûas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fâëton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente) (Camões, 2018, p. 14).

Os versos referem-se ao início de Vasco da Gama e sua armada como protagonistas da narrativa, além da tensão entre as forças mitológicas e históricas, o que reforça a descrição do navegador como um “forte Capitão” dotado de coragem e determinação, atributos que o tornam uma figura heroica no poema. Além disso, o exposto evidencia o confronto entre expectativas

e realidade: o capitão espera uma travessia tranquila “Por diante passar determinava, / Mas não lhe sucedeu como cuidava”. Isso reflete os desafios narrados na obra, onde o protagonismo português se desenrola sob a influência das forças divinas e humanas mencionadas nos argumentos precedentes.

A descrição das embarcações e das características dos povos encontrados ao longo da jornada dialoga com o contexto histórico e geográfico da epopeia, evidenciando a dimensão exploratória e a interação entre culturas – aspectos que se alinham à análise das tensões entre mitologia e história. Esse limiar pode ser físico, mas também pode ser metafórico, representando uma decisão importante ou uma transformação psicológica que ocorre no herói.

A análise da figura de Vasco da Gama e das forças que regem sua jornada insere-se em um contexto maior de estrutura narrativa, no qual a travessia e os encontros não são meramente físicos, mas carregados de significados simbólicos e mitológicos. A tensão entre expectativa e realidade, evidenciada na travessia interrompida, reflete não apenas as dificuldades práticas de uma exploração marítima, mas também os dilemas e desafios existenciais que moldam o herói enquanto arquétipo. Nesse sentido, a epopeia assume um caráter iniciático: os desafios enfrentados pelo “forte Capitão” revelam-se metáforas de uma jornada de transformação, em que cada obstáculo configura um rito de passagem essencial para o crescimento do protagonista. Assim, a narrativa épica articula o diálogo entre a dimensão histórica das navegações e a mitologia, reforçando que a superação das barreiras externas é indissociável do enfrentamento das limitações internas, aspecto que se conecta diretamente ao processo de morte e renascimento simbólico característico da trajetória heroica.

Seguindo para o Canto II, a estrofe 33 exemplifica a riqueza simbólica e a complexidade estrutural de *Os Lusíadas*. A intervenção de Vênus ilustra a mediação divina e a busca por auxílio superior, enquanto o uso de elementos da cosmologia renascentista reforça a conexão entre o microcosmo humano e o macrocosmo celestial. Assim, Camões funde harmoniosamente saberes mitológicos, cosmológicos e cristãos, em um poema que celebra a epopeia dos Descobrimentos e o engenho humano guiado pela providência divina. Vejamos:

Ouviu-lhe estas palavras piadosas
A fermosa Dione e, comovida,
Dantre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida
Avante passa, e lá no sexto Céu,
Pera onde estava o Padre, se moveu. (Camões, 2018, p. 38)

Neste momento, Vênus, protetora dos portugueses, ouve preces e se sensibiliza diante das dificuldades enfrentadas pelos navegadores. A deusa, em um ato proativo, deixa o ambiente terrestre (onde estava com as ninfas) para ascender aos céus. Essa ascensão simboliza a busca por auxílio junto a Júpiter, o “Padre”, chefe dos deuses, reforçando a ideia de que os feitos humanos dependem também da mediação divina. A imagem de Vênus movendo-se para os céus reflete a hierarquia cósmica renascentista, na qual os planetas e as esferas celestes tinham uma relação direta com as ações na Terra. A musicalidade e o ritmo reforçam o caráter épico, enquanto a alternância entre rimas cruzadas e emparelhadas contribui para um efeito de fluidez, adequado ao movimento ascendente de Vênus. O verso final (“Para onde estava o Padre se moveu”) conclui a estrofe com solenidade e demonstra o propósito da ação de Vênus, que busca deliberadamente o auxílio divino.

Ao fazer uma correlação com *O Herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell, a jornada de Vênus pode ser interpretada sob a perspectiva da “jornada do herói”, em que ela desempenha o papel de aliada sobrenatural que intervém em momentos cruciais. Campbell explora como mitos universais apresentam uma estrutura cíclica em que o herói (ou os agentes que o auxiliam) supera desafios, estabelece contatos com o divino e retorna com o poder de transformar o mundo. Nesse contexto, a subida de Vênus ao sexto céu pode ser vista como um paralelo ao estágio conhecido como “Aproximação do Inimigo Interno”, no qual forças transcendentais intervêm para influenciar os desígnios do herói (ou, no caso, dos navegadores portugueses).

O simbolismo da “terceira esfera” e do “sexto céu” em *Camões* sugere um alinhamento com a concepção cosmológica da época, em que o espaço celestial era dividido em esferas concêntricas. Já na leitura de Campbell, este movimento ascendente remete à dimensão espiritual do arquétipo do herói, que constantemente ultrapassa fronteiras físicas e metafísicas em busca de sentido e realização. Vênus, ao buscar Júpiter, funciona como uma mediadora entre o profano (a humanidade e seus desafios) e o sagrado (o divino que regula o cosmos).

Entretanto, uma diferença essencial surge ao analisar as obras. Em *Camões*, o papel das divindades é explicitamente intervencionista, servindo a propósitos políticos e históricos — a glorificação da nação portuguesa e seus feitos marítimos. Já em Campbell, a jornada é frequentemente individualizada, focando nos desafios internos e psicológicos do herói. Essa divergência revela como *Os Lusíadas* se enraíza em um contexto cultural específico, enquanto *O Herói de Mil Faces* busca mapear padrões universais da experiência humana.

No Canto V, são evidentes as dificuldades enfrentadas pelos navegadores, que se deparam com inúmeros desafios ao longo de sua jornada. É necessário refletir sobre as

"provocações" e o "abismo" simbólicos que marcam o percurso do herói, representando os obstáculos e conflitos inerentes à sua trajetória. Temos:

«Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto,
Ver as nuvens, do mar com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano. (Camões, 2018, p. 126)

A estrofe 18 do Canto V apresenta uma descrição marcante que mescla elementos do sublime e do sobrenatural, reforçando a dimensão épica e mística da narrativa. O “lume vivo” invocado, identificado tradicionalmente com o fogo de Santelmo, é simbolicamente associado à proteção divina, representando um amparo celestial em meio às forças caóticas da natureza. O poeta, ao descrevê-lo como algo “claramente visto”, sugere não apenas uma experiência sensorial concreta, mas também uma epifania que reforça a fé da “marítima gente”.

A estrofe trabalha ainda com o contraste entre o caos da tempestade – “vento esquivo” e “tempestade escura e triste pranto” – e o caráter milagroso do fenômeno. Esse contraste evoca a vulnerabilidade humana diante das forças da natureza, ao mesmo tempo que exalta a capacidade de superação mediante a intervenção divina. O tom de assombro, evidenciado pelos termos “milagre” e “alto espanto”, amplia a grandiosidade do acontecimento, inserindo-o no discurso épico como um sinal de predestinação e da centralidade do projeto marítimo português.

Por outro lado, a segunda metade da estrofe apresenta um fenômeno natural, o que parece ser uma descrição de uma tromba-d’água – “as nuvens, do mar com largo cano, / Sorver as altas águas do Oceano”. A imagem tem força visual e dramática, consolidando o tom de assombro da narrativa. Aqui, Camões revela sua habilidade de transitar entre o maravilhoso e o natural, reforçando a visão renascentista de que a natureza é uma manifestação da ordem divina.

A JORNADA DO HERÓI E DO ESCRITOR

Complementando nossas análises, podemos referenciar ainda a obra *A Jornada do Escritor*, de Christopher Vogler, que reflete uma das ideias centrais que sustentam a teoria da Jornada do Herói: a noção de que ela não é uma criação humana arbitrária, mas sim uma observação de padrões universais que se repetem nas narrativas e na vida. Vogler, inspirado nos estudos de Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces*, eleva o conceito a um nível quase

metafísico, sugerindo que a Jornada do Herói se aproxima de uma “forma ideal platônica”, ou seja, uma estrutura arquetípica que transcende culturas e épocas, funcionando como uma espécie de “verdade eterna” sobre a experiência humana.

A Jornada do Herói não é uma invenção, mas uma observação. É o reconhecimento de um belo modelo, um conjunto de princípios que governa a condução da vida e o mundo da narrativa do mesmo modo que a medicina e a química governam o mundo físico. É difícil evitar a sensação de que a Jornada do Herói existe em algum lugar, de algum modo, como uma realidade eterna, uma forma ideal platônica, um modelo divino. Deste modelo, cópias infinitas e altamente variadas podem ser produzidas, cada uma repercutindo o espírito essencial da forma (Vogler, 1998, p. 11).

O trecho de *A Jornada do Escritor*, de Christopher Vogler sugere que a Jornada do Herói é “uma realidade eterna, uma forma ideal platônica”, também encontra eco na intenção camoniana de projetar sua narrativa como algo universal e atemporal. Camões não se limita a contar uma história específica de Portugal, mas constrói um discurso que busca inserir os feitos lusitanos no panteão das grandes epopeias da humanidade, ao lado de Homero e Virgílio. Dessa forma, ele insinua que a jornada épica de Vasco da Gama e seus marinheiros não é apenas um feito histórico, mas uma representação de valores universais, como a coragem, a perseverança e a luta contra o desconhecido.

No entanto, *Os Lusíadas* também permite uma reflexão crítica sobre os limites do modelo heroico. Se, por um lado, a obra celebra a glória de Portugal e exalta o espírito humano em sua capacidade de superar desafios, por outro, ela traz, em momentos pontuais, um tom melancólico e crítico, sobretudo ao questionar os custos dessa jornada. Camões lamenta as perdas humanas, a ambição desmedida e os sacrifícios que acompanham a busca pela glória, oferecendo um contraponto ao otimismo absoluto que a Jornada do Herói pode sugerir.

Entendemos, com o decorrer da leitura de *Os Lusíadas*, que os mais intensos embates e as maiores metamorfoses do herói vão ocorrendo ao longo da epopeia e as provas enfrentadas tornam-se alegorias de toda uma luta interior e exterior, conduzindo-o a uma renovada compreensão de si mesmo e de seu lugar no mundo. Por meio do rito de iniciação, ele emerge plenamente transformado, preparado para retornar à sua realidade original e partilhar os saberes adquiridos ao longo de sua jornada. Um exemplo evidente disso estão nas estrofes 37,38 e 39, do Canto V.

«Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Pròsperamente os ventos assoprando,
Quando ùa noute, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,

üa nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

«Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
- «Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»

«Não acabava, quando üa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos (Camões, 2018, p. 131)

Nos versos acima, Camões narra a mudança drástica de cenário, com a chegada de nuvens ameaçadoras que trazem uma sensação de terror. Essa transformação simboliza a imprevisibilidade do mar e antecipa a aparição do Adamastor, que é representado como uma personificação dos perigos do Cabo das Tormentas (Nome dado pelo português Bartolomeu Dias, em 1488, localizado no extremo sul da África na Cidade do Cabo hoje *Cabo da Boa Esperança*, depois de dias de violentas tempestades assim Dias o denominou).

Com uma descrição física que enfatiza sua grandiosidade e ameaça. Camões utiliza adjetivos como “torvo”, “disforme”, “medonha” e “escura” para intensificar o impacto visual e emocional do gigante. Verificamos que essas estrofes marcam o início do confronto com o Adamastor, simbolizando o medo do desconhecido e os desafios que os navegantes enfrentavam em suas expedições. O contraste entre a serenidade inicial (estrofe 37) e a aparição ameaçadora do gigante (estrofe 39) reforça a dramaticidade do episódio.

Ainda no Canto V, Vasco da Gama relata ao rei de Melinde as façanhas e feitos marítimos dos portugueses. Nesse trecho, o eu lírico-poético desafia as narrativas heroicas clássicas da Antiguidade, como as aventuras de Eneias, de Virgílio, e de Ulisses, da Odisseia de Homero, para exaltar a grandiosidade dos feitos lusitanos nas *Descobertas*.

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d’eforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte? (Camões, 2018, p. 143)

A crítica implícita aos heróis clássicos e a exaltação da epopeia portuguesa refletem o espírito do Renascimento, em que a tradição clássica é revisitada, mas adaptada ao contexto moderno. Camões contrapõe o mundo mítico e lendário greco-romano ao mundo real e explorado por seus contemporâneos, buscando legitimar a superioridade das navegações portuguesas. Vasco da Gama afirma que os feitos dos navegadores lusitanos superam não apenas os limites da narrativa clássica, mas também os próprios limites do conhecimento humano, ao explorar “o mar profundo” de forma inédita e ousada.

A construção retórica do trecho reforça a ideia de grandeza. O uso de interrogações retóricas (“Julgas agora, Rei...?”) não apenas desafia o ouvinte, mas também convida o leitor a refletir sobre o contraste entre os feitos mitológicos e a realidade histórica. Os versos ressaltam o protagonismo de Portugal como um novo herói da História Universal, enfatizando o esforço (*virtus*) e a arte (*ars*) como elementos essenciais das conquistas marítimas.

Por fim, o verso conclusivo, “E do que inda hei-de ver, a oitava parte”, sugere a infinitude das possibilidades de exploração e conhecimento, realçando um ideal renascentista de busca contínua por superação. Nesse sentido, Camões projeta não apenas a glória do passado, mas também o potencial de feitos futuros, conectando o texto épico à visão profética e universalista das “Descobertas”. Essa postura engrandece Portugal como pioneiro na expansão do mundo conhecido, mas também levanta questões sobre o impacto desse expansionismo, um tema que pode ser problematizado à luz da crítica contemporânea.

Transitando das provocações e obstáculos para o apogeu e a transformação, podemos mencionar a chegada de Calecute como o clímax da jornada e a conquista do objetivo. O “elixir” simboliza o sucesso e a glória que retornam ao povo português. Camões enaltece esse retorno e o impacto da construção da identidade nacional portuguesa. Nessa direção, o herói retorna ao mundo com o “elixir” (sabedoria, poder, conhecimento), que beneficia a sua comunidade depois de enfrentar todo o clímax. Joseph Campbell vai dizer que:

Terminada a busca do herói, por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos (Campbell, 2007, p.195).

Em *Os Lusíadas*, o retorno de Vasco da Gama e da frota portuguesa corresponde ao desfecho da jornada épica descrita por Campbell. Após o sucesso da missão e o recebimento da recompensa simbólica (a Ilha dos Amores e a visão profética do futuro de Portugal, no Canto

IX), os navegantes regressam à pátria, como vemos no Canto X. Essa fase do retorno, segundo Campbell, não é isenta de dificuldades: o herói muitas vezes enfrenta resistência ou ingratidão por parte de sua comunidade, que pode não compreender plenamente a magnitude de sua jornada.

Assim sendo, Campbell aponta que o herói, ao trazer os frutos de sua jornada — seja um objeto sagrado, conhecimento ou uma transformação interior —, atua como um mediador entre o extraordinário e o cotidiano, renovando sua comunidade. Em *Os Lusíadas*, Vasco da Gama e seus navegantes trazem o “Elixir” da sua jornada: a descoberta do caminho marítimo para as Índias, que simboliza o triunfo português e a expansão do império. Contudo, para Camões, essa “dádiva” não é devidamente valorizada, o que tensiona a relação entre o herói e sua comunidade.

Enquanto celebração da glória lusitana, o retorno do herói é também um espaço para o desencanto do poeta, isso porque Camões utiliza os cantos finais de sua epopeia para refletir sobre os valores que sustentam essa vitória e sobre o destino de um império que, apesar de sua grandeza, pode estar condenado pela ambição desmedida e pela ingratidão. Essa complexidade faz de *Os Lusíadas* não apenas uma celebração do espírito aventureiro português, mas também uma obra profundamente crítica e reflexiva.

Os versos da última estrofe da obra, extraídos do Canto V, reforçam tudo que vem sendo discutido desde o início desta pesquisa: a habilidade de Camões em explorar temas heroicos e mitológicos para enaltecer os feitos de seus personagens e, por extensão, do espírito português. A estrutura poética associa elementos clássicos da mitologia grega a figuras históricas, criando uma interseção entre passado mítico e presente épico, característica fundamental do poema.

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja. (Camões, 2018, p. 283)

Inicialmente, Camões sugere que os feitos dos portugueses são tão grandiosos que até mesmo o monte Atlante, que carrega o peso do céu segundo a mitologia, tremeria diante de suas façanhas “A vista vossa tema o monte Atlante”. A alusão à cabeça da Medusa — cujo olhar petrificante transformava em pedra quem o enfrentasse — reforça a ideia de poder

avassalador. Esses elementos mitológicos, carregados de peso simbólico, não apenas situam os feitos lusitanos em um cenário de magnitude universal, mas também colocam os navegadores como sucessores de heróis clássicos.

Na segunda parte, a referência às conquistas nos campos de Ampelusa (atual Cabo Espartel, no norte da África) e às muralhas de Marrocos e Trudante reforça o caráter militar e expansionista da epopeia portuguesa. Essa evocação histórica não é apenas um registro das batalhas, mas uma glorificação das conquistas, conectando o presente com a tradição épica da luta contra o “outro” — no caso, os mouros.

O último movimento da estrofe é talvez o mais significativo: Camões equipara os feitos de seus heróis aos de Alexandre, o Grande, figura central do imaginário épico ocidental. A comparação vai além, pois insinua que os portugueses superam Alexandre ao dispensar a necessidade de um Homero para glorificá-los, como Aquiles precisou para atingir imortalidade literária. Aqui, a “leda Musa” de Camões cumpre essa função, elevando a glória portuguesa a um nível autossuficiente.

Em uma análise crítica, percebe-se que esses versos sintetizam a tensão entre o desejo de universalidade e a singularidade nacional. Camões utiliza o repertório clássico como matriz, mas o subverte ao colocar os feitos portugueses como equivalentes — ou superiores — aos mitos fundadores da cultura ocidental. Essa operação literária, embora grandiosa, não está isenta de críticas: a idealização do heroísmo português ignora as consequências das conquistas coloniais, evidenciando a perspectiva eurocêntrica do poema.

Assim, concluímos apontando que a estrofe serve como um exemplo exitoso de Camões em inscrever Portugal no cânone universal das epopeias, mas também como um ponto de partida para debates contemporâneos sobre identidade, imperialismo e mitologia nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Os Lusíadas* à luz do monomito de Joseph Campbell e de sua estrutura arquetípica universal evidencia como a epopeia camoniana ultrapassa os limites de uma celebração nacionalista, inserindo-se no diálogo das narrativas fundadoras da humanidade. O herói épico Vasco da Gama emerge como uma figura de mediação entre o humano e o divino, enfrentando obstáculos que refletem tanto os desafios históricos dos Descobrimentos quanto as tensões existenciais da condição humana. Essa articulação reforça o caráter universal da obra,

que se vale de referências clássicas e renascentistas para legitimar os feitos portugueses como contribuições atemporais ao imaginário heroico global.

Contudo, o poema não se restringe a exaltar triunfos. Camões, em momentos de reflexão melancólica, questiona os custos éticos e morais do expansionismo português, antecipando um discurso crítico que dialoga com leituras contemporâneas sobre colonialismo e identidade nacional. Assim, *Os Lusíadas* não apenas inscrevem Portugal no panteão das grandes epopeias, mas também oferecem uma leitura multifacetada, em que glória e tragédia se entrelaçam. A interação entre mitologia, história e ética confere à obra sua perenidade, possibilitando múltiplas interpretações que ainda hoje desafiam e inspiram o leitor.

Essa pesquisa, ao explorar as conexões entre o monomito e a epopeia portuguesa, contribui para ampliar as interpretações de *Os Lusíadas*, enfatizando sua relevância como um ponto de convergência entre o local e o universal, o passado e o presente, a exaltação e a crítica. Ao fazê-lo, reafirma-se o valor da literatura como um espaço de diálogo ininterrupto entre culturas, tempos e perspectivas.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Cotia, São Paulo: Pé da Letra, 2018.
- COSTA, Rodrigo Franco da. O Contexto Histórico de Portugal Traduzido na Épica Camoniana *Os Lusíadas*. Portugal: **Revista Tempo de Conquista**, 2013.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 27^a ed. São Paulo, Cultrix, 1992.
- PEREIRA, Terezinha Maria Scher. História e Linguagem em *Os Lusíadas*. São Paulo: **Revista Via Atlântica**, n° 4, out. 2000.
- SILVA, Luís; ADRIELE, Carina. O monomito na literatura contemporânea – Uma análise. Minas Gerais: **Textos para Discussão**, n° 1, vol. 01, 2022.
- VLOGGER, Christopher. **A Jornada do Escritor**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.